



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU –
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EM ENSINO DE
FRANCÊS**

AMANDA THAYSE DA SILVA BATISTA

**A MEMÓRIA E O SILÊNCIO NOS MATERIAIS
DIDÁTICOS DE FRANCÊS: uma análise discursiva**

Rio de Janeiro

2026

Amanda Thayse Da Silva Batista

**A MEMÓRIA E O SILÊNCIO NOS MATERIAIS
DIDÁTICOS DE FRANCÊS: uma análise discursiva**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu – Curso de Especialização em Ensino de Francês, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Francês .

Orientador(a): Prof. Dr. Felipe Barbosa Dezerto

Rio de Janeiro

2026

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

| | |
|------|---|
| B333 | Batista, Amanda Thayse da Silva A memória e o silêncio nos materiais didáticos de francês : uma análise discursiva / Amanda Thayse da Silva Batista. – Rio de Janeiro, 2026. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Orientador: Felipe Barbosa Dezerto. 1. Língua francesa - Estudo e ensino. 2. Língua francesa - Material didático. 3. Análise do discurso. 4. Memória. I. Dezerto, Felipe Barbosa. II. Colégio Pedro II. III. Título. CDD 440 |
|------|---|

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

AMANDA THAYSE DA SILVA BATISTA

**A MEMÓRIA E O SILÊNCIO NOS MATERIAIS
DIDÁTICOS DE FRANCÊS: uma análise discursiva**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu – Curso de Especialização em Ensino de Francês , ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Francês .

Aprovado em de abril de 2026.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Barbosa Dezerto

Colégio Pedro II

Orientador

Prof. Dr. Edmar Guirra dos Santos

Membro interno

Rio de Janeiro

2026

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos, que tanto amo e me dão forças para enfrentar a vida.

Aos meus pais, meus maiores incentivadores, que me ensinaram a importância de estudar e a resiliência em não desistir diante das dificuldades da vida, e que estiveram comigo a cada passo. Tudo que sou e conquistei devo a vocês.

Aos meus alunos, sempre compreensivos nos momentos em que precisei remarcar aulas e pela abertura em acolher, na prática, os conhecimentos que construí ao longo da pós-graduação.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Felipe Dezerto, pela confiança, pelo incentivo e por cada orientação sempre tão cuidadosa. Seu trabalho foi fundamental para o desenvolvimento deste TCC e para que eu pudesse compreender melhor a Análise do Discurso.

Aos meus professores da pós-graduação, pela formação de excelência e conhecimentos compartilhados que contribuíram para minha prática docente.

Aos meus colegas de pós-graduação, pelas trocas, discussões e aprendizados construídos coletivamente nesse percurso.

Por fim agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória, desde minha infância. Cada um contribuiu, à sua maneira, para a professora que eu me tornei e carrego em minhas práticas um pouco de cada um de vocês.

RESUMO

BATISTA, Amanda Thayse da Silva. **A memória e o silêncio nos materiais didáticos de francês: uma análise discursiva.** 2026. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2026.

Este trabalho analisa os modos de funcionamento dos sentidos na rubrica “Civilização” nos manuais didáticos de francês da coleção *Défi: méthode de français. Livre de l'élève* (níveis A1 a C1), sob a luz da Análise do Discurso de linha francesa. O corpus é heterogêneo e constituído por recortes realizados a partir do interesse dessa pesquisa dentro da rubrica “Civilização”. Considerando diversos espaços francófonos, serão observados os modos de funcionamento dos sentidos da rubrica “Civilização” produzidos a partir de uma memória discursiva eurocêntrica. Com base nas análises, é evidenciado como os países não europeus são silenciados. Diante dos resultados é possível observar que o discurso didático não só organiza os conteúdos linguísticos, mas também sustenta representações eurocêntricas da francofonia. E, dessa forma, pode-se levantar uma reflexão acerca do ensino do francês no Brasil.

Palavras-chave: análise do discurso; memória discursiva; materiais didáticos; silêncio; ensino de francês.

RÉSUMÉ

BATISTA, Amanda Thayse da Silva. **A memória e o silêncio nos materiais didáticos de francês: uma análise discursiva.** 2026. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2026.

Ce travail analyse les modes de fonctionnement des sens dans la rubrique « civilisation » des manuels de français de la collection *Défi* : méthode de français. Livre de l'élève (niveaux A1 à C1), à la lumière de l'Analyse du Discours de tradition française. Le corpus est hétérogène et se compose d'extraits sélectionnés en fonction des objectifs de cette recherche au sein de la rubrique « civilisation ». En prenant en compte différents espaces francophones, les modes de production des sens de cette rubrique sont examinés à partir d'une mémoire discursive eurocentrée. À partir des analyses, il est mis en évidence que les pays non européens sont réduits au silence. Les résultats montrent que le discours didactique ne se limite pas à organiser les contenus linguistiques, mais qu'il contribue également à la construction et à la reproduction de représentations eurocentrées de la francophonie. Ainsi, cette étude permet d'ouvrir une réflexion sur l'enseignement du français au Brésil.

Mots-clés : analyse du discours ; mémoire discursive ; manuels didactiques ; silence ; enseignement du français.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 O <i>DÉFI</i> E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO | 13 |
| 3 REGULARIDADES DISCURSIVAS NA RUBRICA “CIVILIZAÇÃO”: produção e hierarquização dos sentidos de francofonia | 15 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 23 |
| REFERÊNCIAS | 25 |

1 INTRODUÇÃO

O ensino de francês no Brasil esteve historicamente associado à elite cultural, reproduzindo padrões de hierarquias sociais. Os aparelhos ideológicos do Estado fortalecem certas ideologias e consolidam desigualdades (ALTHUSSER, 2007), contribuindo para a compreensão de como o francês se consolidou como língua de prestígio e referência europeia. Essa historicidade produz sentidos na rubrica “Civilização” presente em manuais didáticos, como a coleção *Défi: méthode de français. Livre de l'élève*, que reverbera os modos de funcionamento dos sentidos de civilização ao retratar países de diferentes continentes, geolocalizados em diferentes lugares pela história da colonização.

A *Análise do Discurso* (AD) de linha francesa, adotada neste trabalho como referencial teórico-metodológico, permite analisar a rubrica “Civilização”, sem a pretensão de esgotar o tema. Nesse horizonte, para pensar um ensino de francês com perspectiva decolonial, é fundamental compreender conceitos como assujeitamento, memória discursiva e silêncio, observando como esses processos se manifestam nos materiais didáticos.

É importante definir a noção de sujeito com a qual se trabalha, pois esse conceito produz desdobramentos. Não vamos, neste trabalho, buscar responsáveis intencionais por um ou outro dizer ou sentido. O sujeito dividido diz mais do que supõe dizer. Não há controle absoluto dos sentidos evocados na elaboração de um livro didático, sendo esse processo de produção semântica fruto da ideologia e da historicidade, acionando uma certa memória de ensino de língua francesa e de civilização.

Pêcheux (2014) chama de *teatro da consciência*, ou efeito *Münchhausen* o paradoxo que é a tematização da estrutura que é o sujeito. O sujeito é interpelado como indivíduo, isto é, os sentidos nos antecedem. Não há uma originalidade total, mas sim o assujeitamento a sentidos que já estão em circulação. Se tornar sujeito é o processo de assujeitamento ao discurso, por isso somos sujeitos do discurso e somos atravessados por eles.

Os manuais didáticos são, enquanto parte integrante do funcionamento da escola, considerados *instrumento linguístico* (Auroux, 1992), ou seja, um dispositivo técnico que transforma a língua em objeto de conhecimento, a partir deles pode-se descrever, organizar, transmitir e controlar saberes sobre uma língua. Dessa forma,

tais dispositivos não apenas organizam a língua, como também produzem certas formas do saber sobre ela, inscrevendo-se em processos históricos e ideológicos.

Esse dispositivo não é neutro e contribui para a organização de sentidos, seleção de algumas vozes e silenciamentos de outras, produzindo efeitos de sentidos no processo de ensino (Orlandi, 2007a; Orlandi, 2007c). Logo, há formações imaginárias, entendidas como a imagem que o sujeito faz de si, do outro e de seu lugar no discurso (Pêcheux, 2010).

Nosso foco não é analisar a língua enquanto gramática, mas sim analisar a coleção de material didático *Défi* como *instrumento linguístico*. Como tal, esse material didático é sustentado pela memória do FLE, que, no início dos anos 1980, se constituiu enquanto campo disciplinar, foi institucionalizado pelo Estado francês por meio de ações envolvendo órgãos, associações, publicações especializadas e diplomacia, resultando em políticas estatais para organizar e internacionalizar o ensino da língua francesa (Dezerto, 2016). Essa institucionalização do FLE, enquanto tentativa de planificação linguística, pretende uma padronização simbólica e pedagógica da língua e de seu ensino em diversos contextos. É importante ressaltar também que

Quando tratamos de políticas linguísticas, não podemos deixar de pensar que estas não podem se dar de forma dissociada da ideologia, bem como da imagem que se faz das línguas, para os sujeitos por elas interpelados. (Dezerto, 2016, p. 110).

Orlandi (2007b), portanto, desloca o conceito de política linguística para o de política de língua, postulando que qualquer política é discurso. E como tal, sujeito às divisões, às rupturas e às derivas dos sentidos.

O FLE enquanto política de língua tem seu ponto de partida e centro na França, tomando sua língua nacional como objeto para produzir conhecimento sobre o francês para o mundo. A essa língua, se liga uma memória.

É a língua da nobreza européia, língua instituída como nacional, língua cuja memória se liga a um ideal de civilização e progresso, que traz no bojo um importante legado do conhecimento científico, filosófico e literário (Dezerto, 2016, p. 114)

O percurso histórico descrito por Dezerto (2016), destaca a criação de centros de estudo e pesquisa, associações, congressos e diplomas nacionais profissionalizando o ensino de francês e consolidando o FLE como campo disciplinar.

Esse processo revela como o FLE foi estruturado como instrumento de controle e regulação sobre a forma como a língua é ensinada e aprendida.

Avançando na discussão sobre ideologia e assujeitamento, é relevante destacarmos a noção de formações imaginárias de Pêcheux (2010). Ainda segundo o autor, discurso é efeito de sentidos entre locutores, e que “A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social” (Pêcheux, 2010, p.81), “esses lugares são representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo” (Pêcheux, 2010, p. 81). Lugares, nesse sentido, supõem uma série de formações imaginárias que designam o lugar atribuído para A e B e que cada um atribui a si e ao outro, como uma regra de projeção social, dessa forma “todo processo discursivo supõe a existência dessas formações imaginárias” (Pêcheux, 2010, p. 82).

A *memória discursiva* é como “A estruturação do discurso vai construir a materialidade de uma certa memória social” (ACHARD ,2007, p.11), afastando-se de concepções individualistas. Segundo Achard (2007) é preciso distinguir dois campos teóricos distintos. A noção de fala, tal como proposta por Ferdinand de Saussure no *Cours de Linguistique Générale* (CLG), que a define como um ato individual de realização da língua, de outro lado, a noção de discurso, conforme desenvolvida pela Análise do Discurso (AD) de linha francesa, sobretudo a partir de Michel Pêcheux, que compreende o discurso como um processo social e histórico, atravessado por ideologia. Para haver sentido é preciso que esse sentido já exista e a cada reformulação do sentido algo de novo surge, construindo o ciclo de repetição, o mesmo, e a ruptura, pois as condições de produção não são as mesmas. A memória é aquilo que regula o conhecimento, ela se situa “em uma oscilação entre o histórico e o linguístico” (ACHARD ,2007, p.16).

Para Pêcheux (2007) a memória discursiva é constituída a partir da memória social, memória construída historicamente que não pode ser considerada como um sentido homogêneo, como um reservatório, mas

é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de deslocamentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos. (Pêcheux, 2007, p.56)

Para Orlandi (2007d) a memória é constituída de silêncios e silenciamentos, de não ditos e de esquecimentos. Falar também é esquecer para que haja novos sentidos, e também o movimento oposto, apagando sentidos novos que já foram possíveis, mas que foram impedidos em um processo político silenciador, ou seja, a de-significação. O conceito de de-significação é a negação de sentidos a entrarem na memória, é a interdição, desse ponto de vista a de-significação também é uma forma de inserção no discurso.

O *silêncio* é definido por Orlandi (2007c) como fundante, uma matéria significante por excelência, dessa forma o silêncio não deve ser pensado como falta, mas o oposto, a linguagem como excesso. Nessa perspectiva “o silêncio não fala. O silêncio é. Ele *significa*. Ou melhor: no silêncio, o sentido é” (Orlandi, 2007c, p.31).

Seguindo nessa linha, é nesse silêncio e nas memórias de-significadas, no que foi deixado de ser dito que vamos vivenciar e significar o silêncio, os não-ditos a partir do que já foi dito e materializado, a partir das produções escritas e de imagens dos livros didáticos da coleção *Défi: méthode de français. Livre de l'élève*.

2 O DÉFI E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

Ao analisar as condições de produção do discurso, à luz de Courtine (2009) e Orlandi (2007a), na rubrica “Civilização” dos manuais *Défi: méthode de français. Livre de l’élève* (A1 a C1) é possível observar que elas apresentam, de certo modo, estruturas históricas e ideológicas que determinaram esse discurso e que ultrapassaram a situação imediata de ensino. Os manuais foram produzidos a partir do projeto pedagógico do *Français Langue Étrangère* (FLE), vinculado à política de língua de difusão do francês, tradicionalmente associada à França e ao cenário cultural francês europeu, sob legislação europeia para o ensino de línguas.

Os manuais foram elaborados por organizações francesas e se dirigem à um público internacional de aprendizes. Nesse contexto o aprendiz tende a ser associado ao turismo, à mobilidade e inserção em contextos culturais europeus. Vinculando então, conseqüentemente, uma *formação imaginária* de aprendizado do francês ligado às práticas educacionais civilizatórias, na qual a cultura francesa ocupa um lugar de prestígio e distinção simbólica.

Ao observar esse espaço de circulação, é possível notar que os livros da coleção *Défi* são amplamente utilizados em todo o Brasil, em instituições formais, por profissionais autônomos. Nesse cenário é importante salientar que as *Alianças Francesas* do Brasil ocupam um lugar de destaque, principalmente por ser reconhecida pelo governo francês como a principal organização mundial na difusão do francês e da cultura francesa no mundo. Desse modo, trata-se de uma instituição que legitima, circula saberes e práticas pedagógicas e não somente um espaço de ensino da língua francesa. A partir desse ponto de vista é possível aproximar seu funcionamento à noção de aparelho ideológico (Althusser, 2007), uma vez que as alianças francesas estão inseridas em amplos processos de transmissão, institucionalização e difusão cultural.

Conseqüentemente, a adoção dos manuais didáticos *Défi* difunde um discurso didático legitimando e reproduzindo representações de uma francofonia específica em espaços institucionalizados.

No que toca ao contexto sócio-histórico, constata-se que os manuais são marcados pela globalização e pela heranças coloniais, os diferentes espaços retratados na coleção *Défi* são atravessados por uma memória discursiva que centraliza a Europa e coloca à margem, sobretudo, a África e os DROM-COM,

apresentando-os, frequentemente, ligados ao turismo e ao pitoresco.

As condições de produção dos manuais evidenciam que não há uma produção de sentidos com neutralidade, pois sentido e ideologia são partes de um mesmo processo. Há uma filiação de sentidos que conduzem a organização da coleção *Défi*, determinando o que pode ser dito e o que deve ser silenciado, configurando, desta forma, um funcionamento do discurso que organiza representações de uma certa francofonia.

hierarquização dos sentidos de francofonia

O *corpus* dessa análise é composto por recortes da rubrica “Civilização” de manuais didáticos *Défi 1 A1: méthode de français. Livre de l'élève; Défi 2 A2: méthode de français. Livre de l'élève; Défi 3 B1: méthode de français. Livre de l'élève; Défi 4 B2: méthode de français. Livre de l'élève; e Défi 5 C1: méthode de français. Livre de l'élève*; da editora Maison des langues, publicados em 2018 (volumes 1 e 2); em 2019 (volume 3); em 2020 (volume 4); e em 2021 (volume 5), e destinados para o ensino de FLE.

Para a análise, foram considerados os cinco volumes da coleção, observando a progressão apresentada na rubrica “Civilização”(tabela 1). A análise não busca a exaustão, mas evidencia os processos de produção de sentidos de civilização nos manuais didáticos.

Para a Análise do Discurso, a escolha da rubrica “civilização” como categoria de análise não deve ser compreendida como neutra, uma vez que Eni Orlandi (2007a) afirma que as condições de produção compreendem os sujeitos e as situações, ou seja, os sentidos das palavras são construídos historicamente e atravessados pela ideologia. Ao analisar o termo “civilização” observa-se a mobilização de uma memória discursiva vinculada ao projeto civilizatório europeu, conforme afirma Aimé Césaire(2020), a colonização foi legitimada por uma lógica de superioridade civilizatória, na qual a Europa se posicionou como referência cultural de progresso e humanidade. Sob essa perspectiva, a noção de “civilização” transcende uma simples denominação e mobiliza sentidos relacionados à hierarquização de povos e culturas. Aimé Césaire(2020) critica a “missão civilizatória”, evidenciando como o discurso de civilização funcionou historicamente como instrumento de dominação colonial e apagamento de outras culturas e saberes. Dessa forma, a rubrica “civilização” permite refletir a respeito da permanência de imaginários eurocêntricos ainda naturalizados em alguns discursos presentes em manuais de francês língua estrangeira.

O *corpus* foi organizado em quadros que permitem visualizar a distribuição dos espaços francófonos e das *categorias discursivas identificadas* na Rubrica “Civilização”.

O quadro 1 divide a rubrica em seis seções, a primeira intitulada *nível* refere-se ao volume do manual didático compatível com as referência dos níveis de proficiência do Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas. A segunda

situa a *página do livro*, da qual o *corpus* foi recortado. A terceira, por sua vez, delimita o *tipo de material didático* encontrado no recorte, se é um texto, uma atividade ou quadro *Ah bon ?!*. Nesta análise entende-se o texto como uma materialidade linguística constituída por palavras independentes do gênero mobilizado, compreendendo-o como o espaço material em que o discurso se inscreve. A atividade configura-se com a possibilidade de uma ação responsiva do aprendiz, ao passo que o quadro *Ah bon ?!* é constituído por um quadro azul informativo que os manuais *Défi* utilizam nos textos para inserirem informações consideradas relevantes para o tema discutido. Para além disso, a expressão *Ah bon !?* nesse contexto não deve ser compreendida como neutra, pois seu uso enquanto interjeição indica surpresa, curiosidade ou descoberta, seu funcionamento discursivo produz efeitos de comparação sobre espaços francófonos, uma vez que o quadro aparece frequentemente associado a informações culturais da França em atividades e textos, nos quais opera como um mecanismo de recentralização da França, indicando conseqüentemente a França como um parâmetro de civilização, pois frequentemente os quadros *Ah bon !?* introduzem informações relativas à França, como educação, saúde, cultura ou modo de vida, sempre ocupando o lugar de autoridade cultural e modelo civilizatório. A quarta seção denominada *espaço francófono representado* refere-se ao espaço geográfico representado no manual. A penúltima coluna *categoria discursiva* refere-se às categorias de análise mobilizadas para interpretação dos efeitos de sentido nos recortes. A *observação analítica* contextualiza o recorte dentro da rubrica, evidenciando os critérios de seleção.

Quadro 1 - Recortes da rubrica “Civilização” nos manuais *Défi* (A1–C1)

| Nível | Página | Tipo de material didático | Espaço francófono representado | Categoria discursiva | Observação analítica |
|-------|---------|---|--------------------------------|-------------------------------|--|
| A1 | 42 | Texto | Marrocos | Turismo | O país é apresentado exclusivamente como espaço turístico, centrado na experiência do visitante estrangeiro. |
| A1 | 44 | Texto | Suíça | Turismo | Representação associada à viagem e consumo cultural. |
| A1 | 62–63 | Texto | Suíça / França / Bélgica / | Educação | Ênfase na circulação acadêmica dentro da Europa. |
| A1 | 76–77 | Texto + atividade + quadro <i>Ah bon ?!</i> | França / Quebec | Comparação cultural | Ritmo de vida comparado ao francês; variação linguística mencionada apenas no Quebec. |
| A1 | 82–83 | Texto + quadro <i>Ah bon ?!</i> | Suíça / França / Bélgica / | Trabalho/ Comparação cultural | informações comparativas sobre tempo de trabalho, salários e férias. |
| A1 | 90–91 | Texto | Marrocos | Turismo | Atividades favoritas dos nativos, mas que coincidem com práticas turísticas. |
| A1 | 92 | Texto | França | Vida cotidiana | Atividades preferidas cotidianas de lazer dos nativos. |
| A1 | 96-97 | Texto | França/DROM-COM/ Benin | Turismo | França representada como turismo para os festeiros e amantes da gastronomia, mas Ilha da Reunião para os esportivos e Benin amantes da natureza. |
| A1 | 104–105 | Texto | Côte d'Ivoire | Turismo/Comparação cultural | Comparação de Abidjan com Manhattan; perspectiva turística e de modelo ocidental de espaço urbano. |

| | | | | | |
|----|-----------|------------------------------------|-----------------------------------|--|--|
| A1 | 108 | Texto | França | Turismo | Meios de transportes para visitar Paris. |
| A2 | 34 | Texto + quadro <i>Ah bon ?!</i> | África | Vida cotidiana / saúde/comparação cultural | conscientização da importância da vacinação na África e informação: França é o país que mais vacina na Europa. |
| A2 | 44–45 | Atividade + quadro <i>Ah bon ?</i> | DROM-COM | Alimentação/ comparação cultural | Pratos tradicionais apresentados, mas organizados segundo estrutura europeia de refeição. |
| A2 | 50–51 | Atividade | França | Alimentação/ Comparação cultural | Questionário sobre hábitos alimentares franceses. |
| A2 | 74 e 76 | Texto + quadro <i>Ah bon ?</i> | Suíça / França / Bélgica / África | Educação/ Comparação cultural | Comparação entre sistemas educacionais; menção à precariedade da educação de meninas na África. |
| A2 | 118 | Texto + quadro <i>Ah bon ?</i> | Nouvelle-Calédonie | Cultura | Descrição cultural simples acompanhada de explicação lexical e apresentação de prato típico incomum. |
| A2 | 122 | Texto | Madagascar | Turismo | Habitantes de cidades francesas contando suas experiências em Madagascar. |
| B1 | 32 | Texto | La Réunion | Turismo | Festivais tradicionais, até mesmo as mais reservadas, são apresentadas como atrações turísticas. |
| B1 | 38 | Texto | Origem árabe | Cultura | Narrativa cultural de origem árabe, mas sem variações na escrita da história. |
| B1 | Unidade 3 | Texto | França | Linguística | Curiosidades linguísticas centradas no francês da França. |

| | | | | | |
|----|-----------|--------------------------|----------------------------|--------------------------------|---|
| B1 | Unidade 3 | Texto | Quebec | Linguística | Curiosidades sobre as línguas nativas do Quebec, mas nada sobre o francês no Quebec e variações. |
| B1 | 58 e 59 | Texto | Bélgica | Cultura | espetáculos e festivais da Bélgica |
| B1 | 60 | Texto + <i>Ah bon ?!</i> | Camboja | Cultura/ Comparação cultural | Apresentação do <i>Circo Phare</i> e comparação com o <i>Cirque du Soleil</i> . |
| B1 | 82 | Texto + <i>Ah bon ?!</i> | Marrocos | Problemas sociais | Problemas sociais discutidos + informação sobre França. |
| B1 | 116 | Texto | França | Problemas sociais | Movimento dos <i>Gilets jaunes</i> apresentado e apaziguamento de atos de vandalismo. |
| B2 | 18 | Atividade | Bélgica | Cultura | Êxito de uma cidade belga, que deu a volta por cima. |
| B2 | 30 e 31 | Texto | Marrocos/ Algéria/ Tunísia | Agricultura/ Problemas sociais | Uso de países africanos como mote para falar de agricultura quando a França é um país de grande produção rural. |
| B2 | 32 | Texto + <i>Ah bon ?!</i> | África | Agricultura/ Problemas sociais | Falta de acesso a informação referente ao uso de pesticidas e embalagens de pesticidas. |
| C1 | 41 | Texto | La Réunion | DROM -COM/ França/ Maroc | Especificação regional apenas quando fora da França metropolitana. |
| C1 | 102–103 | Texto + <i>Ah bon ?!</i> | África Central | Cultura | Curiosidade cultural africana como misterioso, primitivo, inexplorado apresentada por pesquisadores ocidentais. |

A partir do quadro 1 observa-se que nos manuais didáticos *Défi* a rubrica “Civilização” apresenta maior recorrência nos níveis iniciais, ao passo que nos níveis

avançados, sua presença é observada em menor recorrência. Além disso, é possível identificar uma recorrência significativa da *categoria discursiva turismo* no nível A1, seis ocorrências, seguidas pelos níveis A2 e B1, com duas recorrências cada. Essas distribuições podem sugerir que, nos níveis iniciais o francês é representado discursivamente como uma língua de práticas turísticas, isto é, a língua como artefato cultural, configurando ao aprendiz uma formação imaginária de viajante que está inserido em contextos culturais europeus. Essa representação de francofonia delimita a complexidade dos espaços francófonos representados, ao mesmo tempo que silencia outras dimensões históricas, políticas, culturais e subjetivas.

O quadro 2 foi desenvolvido a partir do quadro 1 para facilitar a visualização e interpretação das sequências levantadas a partir da análise dos recortes evidenciando a recorrência das *categorias discursivas* nos *espaços francófonos* apresentados pelos manuais.

Quadro 2 - Espaço francófono representado X Categoria discursiva

| Espaço | Turismo | Cultura | Problemas sociais | Educação | Trabalho | Linguística | Outros |
|----------------|----------------|----------------|--------------------------|-----------------|-----------------|--------------------|---------------|
| França | 2 | 3 | 1 | 1 | 1 | 2 | 2 |
| Bélgica | 1 | 2 | 0 | 2 | 1 | 0 | 1 |
| Suíça | 1 | 2 | 0 | 2 | 1 | 0 | 1 |
| África (geral) | 4 | 3 | 3 | 1 | 0 | 0 | 1 |
| Marrocos | 3 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| DROM-COM | 2 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Quebec | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 |

Ainda dentro da mesma categoria discursiva *turismo*, considerando todos os níveis, é importante ressaltar outra constatação observável a partir do quadro 2, os espaços francófonos com maior recorrência da categoria *turismo* são países situados no continente Africano, seguidos pela França e DROM-COM, mas há algumas diferenças no que tange a representação do destino turístico evidenciados no quadro 3 os tipos de representações dominantes nos espaços francófonos apresentados.

Quadro 3 - Representações dominantes

| Espaço francófono | Tipo de representação dominante |
|--------------------------|--|
| França | Vida cotidiana, cultura legitimada, referência linguística, educação e trabalho. |
| Europa (geral) | Mobilidade acadêmica, vida cotidiana e práticas educacionais. |

| | |
|-----------------|--|
| Bélgica / Suíça | Cultura europeia, trabalho e educação. |
| África (geral) | Turismo, problemas sociais, cultura exotizada e agricultura. |
| Marrocos | Turismo (centralidade na experiência do visitante). |
| DROM-COM | Cultura e gastronomia com efeitos de exotização. |
| Quebec | Variação linguística (sem desenvolvimento cultural ou social). |

A França possui como representação dominante a vida cotidiana, cultura legitimada, referência linguística, educação e trabalho. Ao passo que os países situados no continente africano possuem como representação dominante turismo, problemas sociais, cultura exotizada e agricultura. Essas constatações produzem uma representação francesa civilizatória ocidental, ao mesmo tempo em que os países africanos são construídos discursivamente como culturalmente exóticos, pouco desenvolvidos, com problemas de educação e saúde, soma-se a isso a falta de marcador geográfico generalizando e descaracterizando o continente Africano. Além disso, observa-se no quadro 1, seção tipo de material didático, na qual se encontra o quadro *Ah bon ?!*, que a grande maioria possui como *categoria discursiva comparação cultural*. Isso é recorrente no manual didático, quando outro espaço francófono, que não a França é representado como texto principal, de igual modo identifica-se a presença do quadro *Ah bon ?!* apresentando alguma informação sobre a França, ou seja, evidencia-se aqui o quadro *Ah bon ?!* como dispositivo de recentralização na França, principalmente quando esses quadros reproduzem informações civilizatórias, como dados sobre saúde, educação e cultura. Desse modo, constata-se um movimento de recentralização em direção à França como referência interpretativa de civilidade.

Ainda no quadro 1, observa-se que as duas ocorrências da *categoria discursiva agricultura* marcam uma localização geográfica referente a países africanos, essa distribuição chama a atenção, principalmente porque a França também desempenha um papel relevante no setor agrícola. Essa organização discursiva mobiliza a França como referência cultural educacional e profissional, enquanto silencia as práticas agrícolas desenvolvidas no país.

Outro ponto relevante, observável nos quadros 1, 2 e 3 refere-se à mobilização dominante da categoria *discursiva língua*, que aparece majoritariamente associada ao francês da França, de modo que outras variações do francês são pouco exploradas ou são muito pontuais, como curiosidades. Essa organização discursiva não legitima nenhuma outra variação do francês, pelo contrário, reforça a hierarquização linguística corroborando com a mobilização de que a língua francesa é uma língua homogênea.

O discurso presente na rubrica “Civilização” dos manuais didáticos *Défi* filia-se em uma memória eurocêntrica, evidenciando regularidades discursivas aos longo dos 5 níveis. Essas regularidades presentes manifestam a França como referência civilizatória, cultural e educacional. Em contrapartida, países africanos e DROM-COM são associados sempre a exotividade, a agricultura, a turismo excêntrico, a problemas educacionais e de saúde. Essas mobilizações se organizam no nível do discurso, inscritas em uma memória discursiva que circunscreve e delimita o que é a francofonia. É esse recorte de memória que significa a francofonia neste material analisado.

Ainda que se possa observar a presença da *categoria discursiva cultura* em espaços francófonos não eurocêntricos, há dispositivos como o quadro *Ah bon ?!* e atividades comparativas que cumprem o papel de centralizar a França e apontar a França como parâmetro civilizatório.

Nos manuais *Défi* é possível observar que os silenciamentos operam de forma fundamental apagando determinadas dimensões do francês, como por exemplo sua diversidade linguística e cultural, o importante papel agrícola desenvolvido pela França, ao passo que contribui para o evidenciamento de uma francofonia hierarquizada. Dessa forma o discurso didático produz efeitos centralizadores de determinadas representações e silenciam outras possibilidades de significação da francofonia, dessa forma observa-se que o discurso didático não só organiza conteúdos como também evidenciam e silenciam de acordo com as memórias recortadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises foram desenvolvidas a partir dos modos de funcionamento dos sentidos na rubrica “Civilização” nos manuais *Défi*. À luz da Análise do Discurso de linha francesa, mobilizando o conceito de memórias discursivas sustentado por Pêcheux (2007) e de silêncio, a partir de Orlandi (2007c, 2007d), buscou-se compreender e evidenciar como são construídas certas representações de francofonia.

Observou-se por meio das análises que as regularidades discursivas se apresentam de formas específicas, ou seja, o nível A1 mobiliza com maior recorrência a *categoria espaço francófono*, ao passo que nos níveis avançados elas se tornam mais escassas. Logo, observa-se que os níveis iniciais tendem a mobilizar uma representação da francofonia ligada ao turismo, à circulação e à descoberta de diferentes espaços francófonos. Ao passo que, nos níveis mais avançados, quando o ensino da língua passa a mobilizar temas relacionados ao trabalho, educação e inserção social, há uma maior centralização da França enquanto principal espaço de referência. Tal organização pode ser relacionada ao próprio funcionamento do *Cadre européen commun de référence pour les langues*, cujas competências avançadas privilegiam situações de inserção acadêmica, profissional e institucional, frequentemente representadas, nos manuais, a partir do contexto francês metropolitano. Assim, constrói-se uma hierarquização simbólica entre os diferentes espaços francófonos, na medida em que a legitimidade do domínio linguístico pleno parece ser associada prioritariamente à França, enquanto as demais francofonias aparecem de forma menos recorrente justamente nos contextos em que a língua passa a ser vinculada ao saber, ao trabalho e à integração social.

Da mesma forma, quando observadas, as memórias evidenciam dispositivos como o quadro *Ah bon ?!* e atividades que centralizavam a França como exemplo civilizatório, sempre colocando-a como referência da língua e cultura.

A partir das regularidades observadas evidencia-se que o silêncio opera como fundante desse discurso didático, como ausência, excluindo algumas dimensões da realidade, tal qual a diversidade linguística no francês, o fato da França ser uma das

maiores potências agrícolas da Europa e a complexidade sociocultural dos países francófonos não Europeus.

Esse modo de funcionamento discursivo impacta diretamente o ensino de francês, sobretudo no Brasil, uma vez que constrói formações imaginárias no aprendiz relacionadas a práticas eurocêntricas, corroborando com a limitação da compreensão da dimensão da francofonia e sua diversidade cultural, social, histórica e linguística.

Desse modo, entende-se o manual didático *Défi* não somente como um produto que apenas organiza conteúdos linguísticos, mas que reproduz e estabiliza padrões coloniais que sustentam a França como modelo de civilização francófono, ao passo que silencia outras possibilidades de representação francófona. Essas constatações apontam para reflexões importantes acerca da necessidade de desenvolver-se um olhar crítico para o ensino de francês no Brasil e que considere a riqueza e pluralidade dos espaços francófonos, ao mesmo tempo que questiona o discurso produzido por manuais didáticos.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. **Memória e produção discursiva do sentido**. In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007. p. 11–17.

ALTHUSSER, Louis. **“Ideologia e aparelhos ideológicos de estado”**. In: Zizek (Org). *Um mapa da ideologia*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, [1996] 2007.

AUROUX, Sylvain. **O conceito de gramatização**. In: AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992. p. 65–78.

BIRAS, Pascal; DENYER, Monique; GLOANEC, Audrey; WITTA, Stéphanie; FOUILLET, Raphaële. **Défi 2 – A2: méthode de français**. *Livre de l'élève*. Paris: Éditions Maison des Langues, 2018.

BIRAS, Pascal; CHEVRIER, Anna; WITTA, Stéphanie; FOUILLET, Raphaële; OLLIVIER, Christian. **Défi 3 – B1: méthode de français**. *Livre de l'élève*. Paris: Éditions Maison des Langues, 2019.

BIRAS, Pascal; CHEVRIER, Anna; JADE, Charlotte; WITTA, Stéphanie. **Défi 4 – B2: méthode de français**. *Livre de l'élève*. Paris: Éditions Maison des Langues, 2020.

BIRAS, Pascal; CHEVRIER, Anna; FAURITTE, Frankie; JADE, Charlotte. **Défi 5 – C1: méthode de français**. *Livre de l'élève*. Paris: Éditions Maison des Langues, 2021.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020. cap. 1, 2, 3 e 4, p. 13–51.

CHAHI, Fatiha; DENYER, Monique; GLOANEC, Audrey; BRIET, Geneviève; NEUENSCHWANDER, Valérie; FOUILLET, Raphaèle. **Défi 1 – A1: méthode de français. Livre de l'élève.** Paris: Éditions Maison des Langues, 2018.

CONSEIL DE L'EUROPE. **Cadre européen commun de référence pour les langues: apprendre, enseigner, évaluer – Volume complémentaire.** Strasbourg: Éditions du Conseil de l'Europe, 2021. Disponível em: <https://www.coe.int/lang-cecr>. Acesso em: 26 set. 2025.

DEZERTO, Felipe. **Francês e educação: institucionalização de uma língua estrangeira em discursividade.** Rio de Janeiro: Eduff, 2016.

DEZERTO, Felipe. **O Francês Langue Etrangère e a redistribuição internacional do ensino de francês: o caso do Brasil.** Revista Matruga, vol 23. n. 38. Rio de Janeiro: UERJ, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matruga/article/view/21206/18159>. Acesso em: 15 set. 2025.

DEZERTO, Felipe Barbosa. **Francês, imaginário e ensino: conteúdos em uma perspectiva histórico-discursiva.** In: GUIRRA, Edmar; KELECOM, Katharina Jeanne; MORAES, Luciano Passos; MONTEIRO, Luiz Paulo dos Santos (Orgs.). **O francês como espaço plural: perspectivas de atuação.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 145–160. Disponível em: <https://www.nefbcp2.org/publicacoes>. Acesso em: 17 set. 2025.

PÊCHEUX, M. “**Análise automática do discurso (AAD-69)**”. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Tradução MARIANI, B. [et al.]. 4ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1969, 2010.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da memória.** In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. **Papel da memória.** Tradução e introdução de José Horta Nunes. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007. p. 49–57.

PÉCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2007a.

ORLANDI, Eni P. **Apresentação: Há palavras que mudam de sentido, outras... demoram mais**. In: ORLANDI, Eni P. (org.). *Política linguística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2007b. p. 7–10.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: o movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007c.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Maio de 1968: **Os silêncios da memória**. In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÉCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007d. p. 59–71.